

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIA DA ACTIVIDADE CULTURAL. III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR. O CASTRO DA S. DA ASSUNÇÃO, BARBEIRA, MONÇÃO. PRIMEIROS TRABALHOS.

MARQUES, José Augusto Maia

Ano: 1985 | Número: 95

Como citar este documento:

MARQUES, José Augusto Maia, Notícia da Actividade Cultural. III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. O Castro da S. da Assunção, Barbeira, Monção. Primeiros trabalhos. *Revista de Guimarães*, 95 Jan.-Dez. 1985, p. 188-197.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Castro da S.^a da Assunção (Barbeita — Monção)

Primeiros Trabalhos

Por JOSÉ AUGUSTO MAIA MARQUES

INTRODUÇÃO

As escavações arqueológicas no Castro da S.^a da Assunção, integram-se no plano de Levantamento Arqueológico do Concelho de Monção, que a Autarquia, em boa hora, resolveu levar a cabo. Contactado o Instituto de Arqueologia da Universidade Livre do Porto, foi o signatário por este encarregado de coordenar aqueles trabalhos e de dirigir as intervenções arqueológicas subsequentes.

O Levantamento Arqueológico do Concelho de Monção, integrado no plano director concelhio, para além da inventariação e classificação de vestígios e monumentos de interesse arqueológico, artístico e arquitectónico, prevê a realização de várias acções de divulgação e sensibilização, nas quais se insere esta publicação.

O signatário, docente de Arqueologia, orientou a sua investigação no sentido do estudo da ocupação humana da parte portuguesa do rio Minho na Idade do Ferro. Para tal, conta realizar escavações em vários castros do Concelho de Monção (numa 1.^a fase), e dos concelhos ribeirinhos (em fase posterior). O seu projecto de investigação, aprovado pelo I.P.P.C. e orientado pelos Profs. Jorge de Alarcão e Carlos Alberto Ferreira de Almeida, contempla, entre outras, várias intervenções no Castro da S.^a da Assunção, objecto desta comunicação.

Cabe aqui agradecer a colaboração prestada pelo Director Escolar de Viana do Castelo, Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Monção, Junta de Freguesia de Barbeita, Direcção da Casa do Povo e, de um modo especial, a inexcusável boa vontade do Snr. Manuel Temporão Esteves, verdadeira *alma* destes trabalhos, cedendo a viatura, franqueando a casa, apoiando diária e incansavelmente as nossas actividades.

O pouco que realizámos a eles o devemos.

1. LOCALIZAÇÃO E ACESSOS

O Castro da S.^a da Assunção situa-se no monte homónimo⁽¹⁾, na Freguesia de Barbeita, Concelho de Monção, Distrito de Viana do Castelo (Fig. 1).

As coordenadas geográficas do vértice geodésico «Ascensão», segundo a Carta Militar de Portugal à escala 1:25.000, dos Serviços Cartográficos do Exército, Folha 3 — Moção, são:

Latitude — 42° 3' 20"

Longitude — 0° 43' 31" E. do meridiano de Lisboa.

O acesso ao local faz-se a partir do lugar do Cabo (km. 116,1 da Estrada Nacional 202). No «redondo da palmeira» vira-se à direita, para quem traz o sentido Monção — Melgaço. Por estrada pavimentada a alcatrão alcança-se um largo, cerca de 50 metros depois da Igreja Matriz onde, novamente virando à direita, se toma o estradão de acesso à capela de N.^a S.^a da Assunção, singelo mas belo monumento seiscentista, situado no *plateau* do castro.

2. A REGIÃO E O LOCAL

O Concelho de Monção está situado em pleno Alto Minho e no coração da bacia hidrográfica do Rio Minho. Trata-se de uma região fundamentalmente constituída por rochas eruptivas hercínicas, fazendo parte integrante do maciço granítico do Minho. A SW. do concelho surge uma pequena mancha xisto-grauváquica (Abedim/Insalde)⁽²⁾. No vale do Rio Minho conhecem-se níveis de terraço que vão desde os 5-15 metros aos 90-100 metros, «representados, em geral, por areias e cascalheiras com algumas intercalações de grés caulíníferos ou argilosos e, por vezes, de camadas linhitasas...»⁽³⁾.

A própria povoação assenta em vários níveis de terraço. «A cascalheira do mais elevado coroa o Alto da Relação: a superfície que o limita é bastante regular, nivelada, estanto a altitude dela, acima do rio, entre 65 e 70 metros.

Cerca de 15 metros mais abaixo, separado por um degrau nítido, observa-se outro nível de terraço, sobre o qual ficam as casas do Bairro Alto. Os depósitos deste terraço, cujas cotas andam em torno de 50 ou

(1) De notar que o topónimo correspondente, na carta militar, é, erradamente, *Ascensão*.

(2) *Carta Geológica de Portugal*, 1:1.000.000, Not. Explic., Lisboa, 1968.

(3) *Carta Geológica do Quaternário de Portugal*, Not. Explic., Lisboa, 1971.

55 metros, atingem a estrada nacional e podem ver-se nas trincheiras da mesma. Caminhando em direcção ao rio, passadas a estrada e uma zona em que aflora o granito, encontra-se nova superfície de terraço, com calhaus rolados, cuja altitude está compreendida entre 30 e 35 metros.

Por um degrau, desce-se para o último nível, cerca de 20 m. acima do rio. O terraço de inundaçào pode dizer-se que não existe: do terraço de 20 m. desce-se abruptamente para o leito do rio, que é estreito, rochoso.

Um pouco mais para Ocidente, encontra-se o terraço de Pedreiro, com depósitos espessos e superfície bastante regular, que se prolonga até ao sopé da colina da Senhora da Assunção.

À cota está entre 65 e 70 m. acima do rio.» (4).

De notar que o terraço de Corga, a W. de Monção, o Dr. Montenegro de Andrade detectou pólenes de *Pinus Sylvestris*, *Castanea*, *Betula*, etc. (5).

O Concelho é atravessado por alguns cursos de água, sendo de destacar o Rio Mouro que, nascendo na Serra de Castro Laboreiro, e fazendo uma inflexão de 90°, vai passar no sopé da vertente Este do Monte da Assunção, indo desaguar no Minho cerca de 2 km. depois.

De clima atlântico, com invernos muitos pluviosos e verões quentes, esta região está hoje essencialmente coberta por pinheiro marítimo, castanheiro e carvalho negral. No que diz respeito a plantas alimentares, deve referir-se o cultivo do milho e da batata. O tojo e a giesta, nas suas variedades negral e brava, constituem, com o pinheiro atrás referido, o revestimento vegetal dos montes do Concelho, incluindo aquele que é objecto deste estudo.

No tocante à fauna, e para além do gado bovino e suíno, é de ressaltar o número de rebanhos de cabras ainda hoje existentes.

3. O MONTE DA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Trata-se de uma elevação granítica, com cota de 265 metros (6), de perfil irregularmente cónico, sendo as vertentes W. e E. de pendor médio, a vertente N. de pendor muito acentuado e a vertente S. de pendor suave (Foto 1).

Possui vários afloramentos graníticos de grão médio, e as pedras utilizadas na construção da estruturas devem ter sido cortadas no próprio local.

(4) Carlos Teixeira «Os terraços da parte portuguesa do Rio Minho», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XXXIII, Lisboa, 1952, pág. 227.

(5) M. Montenegro de Andrade, «Alguns elementos para o estudo do terraço superior do Rio Minho», in *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, Vol. IV, fasc. 3, Porto, 1945, págs. 221 e 222.

(6) Mais uma vez a carta militar está errada, atribuindo-lhe uma altitude de 262 metros. Conferido com altímetro, ela corresponde aos 265 expressos na carta corográfica.

Numa plataforma de cota aproximada de 254 m., virada a N., situa-se a capela que tem por orago a S.^a da Assunção.

Essa plataforma, que serve de «adro» e onde se realizam duas romarias anuais, o respectivo acesso, e uma zona de entrevertente, estão compreendidas dentro da segunda linha de muralhas (Foto 2).

Uma fonte, situada a escassos 500 metros, poderia ter servido à primitiva população. Ressalte-se ainda que, por informações de habitantes da localidade, parece ser possível localizar a cisterna, descrita como «uma sala grande toda em pedra» (cavada no granito?), cuja entrada, atulhada, se pensa ter descoberto.

4. O POVOADO FORTIFICADO E AS ESTRUTURAS

O Castro da S.^a da Assunção foi descoberto, enquanto monumento arqueológico, nos primeiros anos da década de 70. A transformação de um estreito caminho em estradão (de acesso primitivo para acesso actual?), pôs à vista um pano de muralha e revelou vários fragmentos de cerâmica.

Elementos interessados da Freguesia e do Concelho contactaram o Arqueólogo Dr. Adriano Vasco Rodrigues que se deslocou ao local e se inteirou da importância do monumento. Poucos anos depois, com um grupo de alunos de um liceu do Porto, ali passou alguns dias em tarefas de reconhecimento de estruturas. Foi o próprio Dr. Vasco Rodrigues que, colega de docência na Universidade Livre do Porto, entusiasmou o signatário para prosseguir os estudos arqueológicos naquele castro.

Este, possui duas ordens de muralhas completas e uma terceira que, embora não totalmente reconhecida, pode também estar completa. Dado que o perímetro central, dentro da segunda linha de muralhas, foi adquirido pela Junta de Freguesia, é neste local que têm decorrido os trabalhos.

O recinto central tem, aproximadamente, a forma de uma oval, com os eixos de comprimento sensivelmente igual a 235 m. (eixo maior) e 141 m. (eixo menor). O perímetro completo do povoado é muito maior, embora ainda incompletamente delimitado.

São perfeitamente visíveis vários lanços de ambas as muralhas (fotos 3 e 4), de boa construção, possuindo em alguns locais uma altura próxima dos 2,5 metros, com uma espessura média de 2 metros, sendo em alguns locais construída em belo aparelho helicoidal, bem imbricado, e de notável solidez.

Analisando a fig. 3, que apresenta os perfis transversal e longitudinal da região, pode constatar-se a óptima situação de castro e as magníficas condições de visibilidade a longas distâncias que teriam certamente feito deste povoado um excepcional local de vigia, dominando completamente grande porção do curso do Minho, a foz do Mouro e largos quilómetros quadrados de terreno.

À vista estavam, já antes dos trabalhos, quatro estruturas de habitação descobertas e infelizmente danificadas por anteriores obras. A estrutura B.1 é uma casa circular, de diâmetro de cerca de 4,5 metros, com avançado em caranguejo dissimétrico (S10-W20/S20-W20). Foi parcialmente danificada pois aquando da abertura do caminho que lançou sobre ela terra e pedreas para calcetamento. No momento da conclusão das obras, a retroescavadora que foi recolher aquele material, penetrou nos estratos arqueológicos da casa e do avançado, retirando-os praticamente até à base. Apesar disto, apenas cerca de um terço do enchimento foi danificado, tendo os operários guardado algum material que, sendo realizada uma escavação em área, poderá ser integrado razoavelmente.

A estrutura B.2 é uma casa circular, de diâmetro de cerca de 5 m., relativamente bem conservada, ainda com bastante enchimento e que estava delimitada pela face externa. Cobria-a algum tojo e pinheiros de pequeno porte.

A estrutura B.3 é igualmente uma casa circular, de diâmetro igual à da anterior, de boa construção, com o enchimento já retirado, apresentando um piso de barro calcado, esbranquiçado e bastante regular (Fig. 4).

Finalmente, a estrutura B.4 é assaz curiosa. Trata-se de uma casa «arredondada» (!) com um muro rectilíneo ladeando a estrada. Na sua (re)-construção, e dada a proximidade da casa B.3, parte da parede, a SW., foi edificada quase em linha recta, deixando uma estreita passagem entre as duas estruturas (Fig. 4).

A principal característica desta casa é a existência de um «postigo», situado quase a 1 metro da altura da parede visível, formado por duas pedras verticais afeiçoadas (pelo menos) nas faces externas, perfeitamente rectangulares. No «parapeito, duas pedras mais pequenas, igualmente afeiçoadas. Uma quinta pedra, o fecho superior, não foi encontrada pois situava-se certamente, ao nível de destruição da parede.

5. TRABALHOS DE 1980

Embora concedida autorização para trabalhos arqueológicos, dado o tamanho do recinto central, o abundante espólio recolhido, e as características topográficas do local, tudo isto aliado ao facto de se encararem os trabalhos em termos de uma larga continuidade, achou-se por bem, em Agosto/Setembro de 1980, não proceder a qualquer escavação. Assim, o tempo foi consumido em operações de carácter topográfico, de limpeza do local, de desenho das estruturas visíveis, de prospecção e de reconhecimento das muralhas.

Todo o recinto, no interior da 2.^a linha de muralhas, foi dividido em quadrados de 10 metros de lado, topografando-se os vértices em relação ao ponto 0 (o marco geodésico). Foram espetadas estacas de madeira e, sempre que o vértice de um quadrado topográfico (QT) se situava numa rocha

firme, foi nela aberto um orifício para colocação de um ponto metálico que permite facilmente a recuperação da quadrícula. Na respectiva rocha foram gravadas as coordenadas do ponto.

Iniciou-se o desenho de estruturas, tendo ficado completas as B.3 e B.4, e incompletas a B.2, ainda não cotada, e que por isso será incluída em próxima publicação. Do trabalho realizado se dá conta na figura 4.

Diariamente uma equipa procedeu a prospecção, dentro do castro e nos terrenos anexos, tendo sido descobertas à superfície várias mós, dormentes e moventes, 3 cones de pedra destinados a rematar as coberturas vegetais das casas, um tetráscele, um fragmento de soleira de pedra, e uma «prisão de gado», para além da recolha de numerosos fragmentos de cerâmica, seixos e escória de fundição. Localizaram-se igualmente várias pias, um molde de fundição de instrumento agrícola em granito de grão fino (Fig. 5) e uma pedra insculturada com «pegadas», «cavinhas», «halteres» e outras gravuras.

6. TRABALHOS DE 1981

Com subsídios da Câmara Municipal de Monção e da Universidade Livre, duraram vinte dias os trabalhos de 1981.

Estes consistiram fundamentalmente em 3 frentes: Escavação de uma casa na parte cimeira do castro (BAR81C) numa área total de cerca de 80 m², preparação, desenho e leitura de um perfil na casa danificada junto ao caminho (BAR81B), limpeza e preparação de uma área a intervencionar na próxima campanha (BAR81D).

Ao mesmo tempo, uma equipa de trabalhadores da Câmara Municipal de Monção, devidamente enquadrada, iniciou a limpeza de parte das muralhas (BAR81LM).

6.1. Operações de limpeza

BAR81D — Foi limpa de tojo, giestas e algumas árvores, uma área correspondente a 200 m², delimitada pelos QTs S20 E20-S30 E20 / S20 W00-S30 W00. Durante esta operação de limpeza encontrou-se um fragmento de soleira com vestígios de gonzo, além de fragmentos cerâmicos de vasos e de cobertura.

BAR81LM — Os trabalhadores da C. M. M. procederam à limpeza de um troço de cerca de 20 m. da muralha, desembaraçando-a de espessa cobertura vegetal, ramos de árvores, terras de escorrência, pondo à vista a sua face exterior e a parte superior do amuralhado. Esta operação permitiu a descoberta da existência de «espores de reforço» cujo perfil arquitectónico será estudado em próxima campanha.

Com a terra e pedras resultantes desta limpeza, os trabalhadores estão a construir junto à face exterior um caminho que, segundo se espera, permitirá a visita a todo o perímetro da 2.^a ordem de muralhas, medida que se reputa de elevado interesse turístico, didáctico e, mesmo, arqueológico.

6.2. Perfil da casa danificada

Aproveitando o «corte» produzido pela retroescavadora, limpou-se e preparou-se um perfil Norte-Sul na casa com avançado, segundo a quadrícula topográfica. Da sua leitura destaca-se a existência, no nível 03, de uma soleira que se articulava com a entrada do avançado, a entrada para a própria casa, e uma camada lenticular (03A) de barro calcinado, com abundantíssimos fragmentos de escória de fundição. Com os dados recolhidos foi possível formular a hipótese (muito provável) de que aquele nível corresponderia a um local de trabalho metalúrgico, possivelmente uma forja. O corte estatigráfico mostrou igualmente a existência de dois níveis de ocupação, embora de características ceramológicas semelhantes.

6.3. Escavação na casa na parte cimeira

A área que foi objecto de escavação sistemática por decapagem fina, define-se pelos QTs S40 W00-S40 W10 / S50 W00-S50 W10. É um quadrado de 10 m. de lado, subdividido em unidades de escavação de 2 m. de lado, materializadas por elástico. Dessa área de 100 m² foram realmente tocados apenas 80, correspondentes às quatro últimas fiadas (7).

Esta área revelou a existência de uma casa circular (Fig. 6), completa no seu perímetro, algo danificada pela implantação de um lajeado imperfeito (medieval? moderno?), em que as pedras, de tamanhos desiguais, se encontram «pousadas» na terra. Outra estrutura circular, possivelmente destruída para construção da que acabamos de referir, foi aproveitada graças à edificação de dois muros rectilíneos que se articulam com uma soleira (com vestígios de gonzo) e, provavelmente, duas ombreiras de porta. Uma destas ombreiras foi encontrada caída sobre a soleira, numa posição que permite a sua recolocação.

Confrontados com o problema da existência do lajeado e da desigual profundidade do enchimento da estrutura circular em virtude do pendor natural do terreno, foi decidido deixar o lajeado *in situ*, retirando-o apenas quando o recinto estiver limpo e alguma conexão (se é que ela existe) for descoberta. Aproveitou-se o lajeado para a preparação de um perfil

(7) Mesmo dentro desta área restrita, por delicadeza do trabalho e limitação evidente de tempo, nem todos os quadrados foram escavados até ao nível 06. Assim, a alguns, apenas se fez um trabalho de preparação.

estratigráfico onde foram detectados 9 níveis, dois dos quais de ocupação; um primeiro (03), mais recente, com cerâmica indígena, ânfora (Dressel 1 e Halltern 70), e alguns (poucos) fragmentos de cerâmica comum; o segundo (06), um piso de barro calcado, com muita cerâmica indígena, miçãcia, alguma feita à mão.

Dado que a escavação não está completa, em área como em profundidade, só a continuação dos trabalhos poderá conduzir a conclusões significativas.

6.4. *Espólio*

O espólio exumado pode, grosseiramente, dividir-se em lítico, cerâmico e metálico. Deste último, destaque-se um fragmento de alfinete de cabelo em bronze, possuindo o pequeno globo terminal e parte da haste, sem qualquer decoração, e em razoável estado de conservação (Fig. 7-3).

No que respeita ao espólio lítico, e para além das mós já citadas, refira-se o achado de vários pesos de linha (Fig. 7-1) e seixos afeiçoados (Fig. 7-2), todos em quartzito, bem como o molde de fundição a que já se aludiu (Fig. 5).

Do abundantíssimo espólio cerâmico, e para além da cerâmica de cobertura neste castro com pouca representatividade, pode falar-se dos recipientes de uso culinário — vasos de asa inferior (Fig. 8-2 e Fig. 9-1), vasos de asa em orelha (Fig. 9-2), de uso industrial — e, inclusivamente, de uma forma inteira, reconstituída a partir de dois fragmentos (bordo e pança + pança e fundo). Trata-se de um pequeno recipiente feito à mão, de pasta acinzentada e com alguma mica. Tinha de diâmetro de boca 16 cm. (Fig. 11).

7. *ALGUMAS CONSTATAÇÕES*

No que respeita às estruturas postas a descoberto (com excepção das muralhas), nota-se um aspecto algo arcaico, com pedras de pequenas dimensões, toscamente preparadas, dispostas irregularmente quer na face interna quer na externa. As paredes apresentam uma ligeira inclinação para o interior. Sem o ar monumental, geométrico, preciso, de construções congêneres, as habitações do castro da Assunção não são de boa construção, esteticamente falando, embora se revelem sólidas e firmes, disso sendo testemunha a apreciável altura atingida por algumas.

No tocante ao espólio, tudo parece indicar igualmente características arcaicas de base: inexistência, até ao momento, de qualquer fragmento de *sigillata*; pouca representatividade de elementos cerâmicos de cobertura (*tegula* e *imbrex*) e de cerâmica comum, se comparado com outras estações típicas.

A ânfora (maioritariamente Halltern 70 e Dressel 1 e 8), relativamente abundante na primeira camada de ocupação, vai diminuindo gradualmente até atingir um valor próximo do zero nas camadas mais antigas.

A cerâmica indígena, micácea, de cozedura normalmente média ou boa, englobando, em alguns casos, fragmentos de quartzo e/ou areia, apresenta alguns tipos de decoração considerados «típicos» deste horizonte cultural, e dos quais se destacam os SSSS, os dois (ou três) pequenos círculos concêntricos (feitos com um punção), as incisões paralelas ou oblíquas ao bordo, linhas formando filas decoradas regulares ou figuras geométricas, etc. (Fotos 5 e 6).

De realçar que, embora os estudos estatísticos e de reconstituição ainda não tenham adiantado muito, cerca de 25 a 30% dos fragmentos de cerâmica indígena possuem abundantes vestígios de utilização culinária (fumação, restos de comida, etc.).

Ainda notável é o número de vestígios cerâmicos onde foi possível detectar o emprego de «gatos» — agrafes metálicos para aglutinação de peças partidas — como se pode constatar na foto 7. E a pergunta impõe-se — o que lhes ficaria mais dispendioso (em tempo e em valor), os «gatos» ou a feitura de um vaso novo? Porquê a abundância daqueles elementos de ligação em vasos que, aparentemente, não possuem características especiais?

De referir finalmente, e no tocante ao espólio, o aparecimento de três elementos de evidentes conotações económicas — o molde de fundição, os pesos de linha e os cossoiros, e um com conotações alimentares — o fundo de queijeira. Se atentarmos na proximidade e na abundância dos rios Minho e Mouro, na reconhecida proficuidade de restos de escória de fundição e na quantidade de gado ovino, os achados atrás referidos apresentam grande valor dedutivo.

8. À GUIA DE CONCLUSÃO

Parece-nos poder afirmar estarmos em presença de um povoado fortificado da Idade do Ferro, incluído no horizonte da chamada «Cultura Castreja», de características arcaicas, sem as vincadas marcas da romanização (o que não significa que o não tivesse sido, mas apenas, quiçá, em «dose» pequeníssima).

As características do espólio exumado (nomeadamente a ânfora Halltern 70 e Dressel 1 e os vasos «de asa em orelha») apontam para uma cronologia entre o séc. I a. C. e meados do séc. I d. C. No entanto, não nos repugna afirmar:

- a) Que se trata de um povoado de raízes bem antigas (Séc. III?, IV?, V? a. C.?), de características primitivas sem, ao menos para já, vestígios de grandes arruamentos ou elevado urbanismo;

- b) De entre as actividades económicas sobressaem a metalurgia, a criação de gado e a pesca, aproveitando-se a lã para tecelagem e o leite para o fabrico do queijo.

Dada a sua localização estratégica, próximo de dois cursos de água, disfrutando de ampla visão circundante, de óptima posição de defesa, este castro deve ter desempenhado papel importante como entreposto e local de vigilância do curso daquele que era a principal estrada de penetração naquela época, o Rio Minho.

Uma vez que se tratou de uma primeira campanha, imprudente se torna avançar mais. O prosseguimento dos estudos e das escavações conduzirá certamente a novos dados e permitirá, talvez, constatar aquilo que é, por agora, uma hipótese: estabelecer a correlação entre esta ocupação da Idade do Ferro e outra, que quase se adivinha, da Idade do Bronze.